

# O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores—Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura : por uma série de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

2.ª Serie | Desterro, 1.º de Dezembro de 1872. | N. 19

## O TYPOGRAPHO.

Desterro 1.º de Dezembro de 1872.

### Divagação.

(Imitação da « Aurora no campo, » publicada no n. 8 d'este jornal.)

#### I

E' nocte . . . . .

Lá nas fimbrias do horizonte se divia o pallido clarão da lua que di-ponta . . .

Brando favonio agita as folhas dos cy-presses, que, quaes perpetuas sentinellas, guarnecem os tumulos do vetusto cemiterio, cuja ermidinha, com sua esguia torre, se destaca do fundo escuro de um pequeno bosque de guassatungas . . . .

E eu, só e pensativo, conservava-me assentado sobre a lapide de um tumulo, sem me aperceber de que a nocte se-adiantava, e que me achava sosinho em um cemiterio !

Parece que minha alma achava um quer que seja de poetico e sublime n'aquelles ri os mausoléos ornados de figuras doiradas, e de inscrições pomposas, a que eu chamo : religiosas mentiras ; n'aquelles catacumbas, em que talvez se encerrassem as cinzas de meus antepassados ; n'aquellas pobres campas, n'aquella solitaria ermidinha . . . .

Fui, porém, arrejado das minhas seismas pelo coveiro, que veio advertir-me de que queria fechar o cemiterio.

Levantei-me, dei algumas moedas de cobre ao pobre trabalhador e sahi . . . . .

#### II

A lua no zenith inundava a terra de luz.

Embebido em poetico seismar, fui caminhando ao acaso, até que entrei em um espedço bosque.

Ah, trazido pela brisa, me-chegava aos ouvidos o rugido do tigre carniceiro, o sylvo da escamosa cascadeira, o bramido do jaguar e o grunhido do guará !

Bem perto de mim, eu via uma cachoeira que se despejava fiemente pelo dorso do acantilada serra, formando catadupas, formando rodoinhos, que se-coroavam de candida espuma, e que, com impetuosa força, desarraigavam arvores colossaes, que haviam sido respeitadas pelo passar das eras, e cujos grossos troncos eram arrastados pela vertiginosa furia dos pirajás, que pareciam querer levar com si a enorme massa de granito !

E havia tanta poesia, e havia tanta sublimidade no fragor dos pirajás, no rugido do tigre, no sylvo da cascadeira, no bramido do jaguar, no grunhido do guará, que muitas horas passei em mudo extasis !

A lua, com a aproximação do dia, começava a impallidecer, quando me-resolvi a deixar esse logar de terrificos incantos, para, pouco a diante, encontrar outro não menos incantador.

#### III

O ceu vestia-se de azul e purpura para saudar o astro do dia.

De que scena sublime, de que quadro fascinador fui eu testemunha, assentado na relva molhada pelas lagrimas da Nocté!

Aqui, o arroyo formado pela cachoeira rolava preguiçosamente suas aguas transparentes; mil formosas avesinhas saltitavam pipilando nos galhos das arvores da floresta; a juriti arrulava amores junto do riacho; o sabiá, esse roxinol das balças americanas, saudava o dia com suas divinas harmonias; o colleiro trinava, o trapieiro soltava a sua tosca chula!

Ali, o pirajá iracundo, os gritos tenebrosos das feras em seus covis, o velho cemiterio, a ermida, o bosque, as campas, as catacumbas e os n. ausoleos!

Alem verdejantes, campinas, fontes, lagos, ribeiros!

Eu os vejo: o pesado boi, a novilha agil e inquieta, o cordeiro e o anho que retocam a verde relva...

E lá, na incosta de pitoresco oiteiro, vejo o branco casalinho do laborioso agricultor.

Entorno a elle vejo uma multidão de pombos, mariscam dezenas de gallinhas condusidas pelo velho gall, que cucurica e canta; ganços e patos, mais brancos do que a neve, vogam em lagos de crystal: alguns cães dormem o seu somno vigilante; as abelhas zumbem na colmeia suspensa ao oitão; finalmente, um rancho de creanças, que brincam no terreiro, fecha este quadro tam cheio de tristes sentimentos, de melancolica poesia, — sublime de liberdade, de incantadora realidade; em uma palavra, — de crença, de horror, de tristeza, de poesia e de vida!.....

**ROMANCE**

**Maria.**

ou

MEMORIAS DE UM SEDUCTOR.

Segunda parte.

IV.

RECORDAÇÃO.

— Homem sem entranhas, murmurou Maria

suffocada em praucto; que quanto mais me ex-  
forço por agradar-lhe e merecer o seu amor,  
mais me acabrunha e dessepera!... Mas eu,  
sei porque assim me tractas: é porque tens re-  
morsos da acção que practicaste, seduzindo-me,  
e pondo-me longe de minha familia que tanto  
me amava...

Meu pai! o que não tereis soffrido por minha  
causa! Quantos desgostos não vos tenho eu dado  
em r compensa do trabalho que comigo tivestes,  
das noites longas que passastes em vigilia, junto  
a meu berço, das lagrimas que por mim derrama-  
veis, quando me vieis enferma, chorando,  
contorcendo-me de dores, e sem poder dizer o  
que sentia... E abandonei-vos por um homem  
sem sentimentos, um monstro, que só procurava  
a minha deshonra, a minha perdição!

V.

ENCONTRO.

Em quanto Maria chorava e lastimava a sua  
sorte, parou um carro à porta do hotel; ella  
levantou-se para ir vêr quem era, porém esbir-  
rou-se com Esmeralda que entrava na sua  
alcova.

— Que quer a Sra. aqui? perguntou Maria,  
com a voz tremula.

— Não me conhece?... respondeu Esmeralda,  
sorrindo com sarcasmo e tomando as suas.

— Não, Sra. quem sois?

— Antes de lhe dizer quem sou, vamos ao  
negocio que aqui me trouxe.

— Negocio... que negocio?

— A Sra. conhece perfeitamente o Sr. Carlos  
da Cunha, não?

— Eu....

— Decida.

-- Conheço.

— Mas não conhece a cantora Esmeralda, do  
theatro de S. Pedro, a qual tem merecido tan-  
tos applausos do publico?

— Não....

— Pois saiba que sou eu.

-- Vós?

— Sim, e vim á sua casa expressamente para  
prevenir-a que, se continuar a entreter relações  
com o Sr. Carlos da Cunha, hade arrepende-se.

— Elle não é mais seu amante.

-- Então...

— E' meu; pertence-me.

-- Já o sabia Sra. O que me admira é vêr  
um homem....

Esmeralda levantou-se como dando por con-  
cluida a conferencia:

— Conclua.

—.....a quem eu tanto amava; desprezar-  
me para ir lançar-se aos braços de uma cantora  
— Sra.!

## O TYPOGRAPHO.

— De uma cantora, da mulher mais perdida, mais infame que o sol cobre.

— Retracte-se, Sra.

— Não me retracto, porque não têm que empregue a violencia contra mim.

— E tu o que és ? perguntou Esmeralda fóra de si.

— O que sou ? ... Uma pobre mulher que se deixou perder pela sua bôa fé, porque dêo credito ás palavras de um homem que só proce rava enganar a. Ouvis ?.....

Com as da vossa classe não succede o mesmo, essas vão lançar-se nos braços d' aquelles que mais as detestão sem lhes subir o rubôr do pejo ás faces.

— E' demais !

— Não, não é demais o que vos digo, seria se eu mentisse, mas eu fallo a verdade, tão pura.....

— Somos tudo o que quizeres; mas nunca a nossa falta de pudôr chegou ao ponto de questionar-mos com um homem, por apreciar mais outras mulheres, do que a nós. Entendes ?

— Entendo, Sra. isso que acabais de dizer é uma prova que apesar de perdida, ainda tenho sentimentos nobres.

Sentimentos nobres ! Ciumes, dize antes !

— Seja o que quizerdes, respondeu Maria

### VI.

ESMERALDA.

E sentou-se escondendo o rosto entre as mãos.

— Que fazes aqui perguntou entrando sobresaltado com a presença de Esmeralda em casa de Maria.

— Que faço aqui ? Vim por um termo aos seus desmandos: ou esta mulher, ou eu: ambas somos perdidas. Escolha.

— Não tenho que escolher: Maria que fique chorando a sua deshonra que eu me-vi u contigo

— Bravo !... Logo vi que a preferida era eu.

— Beijei-a na testa e sahimos, deixando Maria entregue ao seu desespero.

### VII.

QUEM SERÁ ?

Nisto, entrou um creado.

— Que queres ? perguntou Maria enxugando as lagrymas.

— Um Sr. que mora no segundo andar, pède para fallar-lhe.

— Quem é elle ? que physionomia tem ?

E' um moço assim... assim.....pallido .... alto.....pouca barba.....

— Como se chama ?

— Alvaro.

— Alvaro !...E passando a mão pela testa, continuou baixo;

— Que idéa ! meu Deus ! Se fôsse elle....

— Que resposta lhe dou, Sra.

-- Que pode vir.

O creado sahio.

— Meu Deus !... Se é meu irmão !...Que vergonha ! Se é elle, ouviu tudo que se passou entre mim e esses dous malditos que tanto me tem perseguido !... Alvaro que venha, conta-lhe-hei tudo, e elle me defenderá !

### VIII.

ALVARO.

Alvaro, neste momento apparecêo á porta, olhou Maria fixamente e encostou-se ao humbral, para não cahir.

— Alvaro ! exclamou ella vindo cahir de joelhos a seus pés.

— Maria ! minha irmã, em que estado te venho eu achar !

— Meu Deus !...

— Ouvi tudo o que disserão esses dous demonios que d' qui sahirão ! Mas descança; commetteste um erro terrivel, mas eu não te desampara ei.

— Então....

— Heide vingar-te desse homem que tanto mal nos tem causado; heide vingar-te dessa maldicta mulher que te acabrunhou com insultos ! Descança. Deos enviou-me a este lugar para te proteger, para não te deixar exposta á furia desses miseraveis.

— Meu irmão !...

— Maria, vou provocar esse homem que calçou, sem piedade, aos pes, a flôr da tua virgindade. Se elle não fôr um covarde, tu serás vingada.

— Não ! não !...

— Não Porque ?...

— Perdão para elle !

— Será possível que tenhas tanta resignação assim ?

— Sim: sim perdão para elle ! Eu o amo !...

— Não !... A minha honra tambem foi ultrajada por elle, é preciso desafronta-la.

— Oh ! meu Deus !...

— Maria, esse homem não passa de um miseravel; se eu o provocar, elle nem se atreverá a levantar os olhos para mim. Eu to' juro.

— Meu irmão !...

-- Mas heide vingar-me; delle --matando-o; e della --esbofeteando-a na praça publica á luz do sol.

Maria desmaiou. Alvaro suspendeo a nos braços, e disse, fitando os olhos no céo:

-- Minha irmã, serás vingada !

FIM DA 2.ª PARTE.

## O TYPOGRAPHO.

### Marcina.

Vem, Marcina, minha fada,  
Meu anjo d' inspiração,  
Com um riso de teus labios,  
Dar-me allivio ao coração.

Vem cantar ao som da lyra  
Que vibra o pobre cantôr,  
Uma canção de alegria,  
Um hymno santo de amôr.

Vem enxugar-me este pranto,  
Que sempre em fio a correr,  
Dando-me dores e magoas,  
Deixa-me a morte entrever.

Deixa-o cêo -- se nelle habitas,  
P'ra de meu peito aplacar  
Uma dor terrivel, grande,  
Que á vida quer-me roubar.

Deixa a luz que te circunda  
Em teu throno de marfim,  
Para vires consolar-me . . . .  
Meu celeste cherubim.

Tudo são risos e festas  
No teu retiro de auror,  
Em quanto só chora dores  
O desditoso cantor.

Attende, attende, meu anjo,  
Tem pena do meu soffrer,  
Tem pena de mim, querida,  
Tem pena de meu viver.

Porque Deus não fez a todos  
Um iguaes em condição?  
Porque a uns — deu paz e risos,  
A outros — negra afflicção?

Porque folgão uns, contentes,  
Em luxuosos festins,  
Reclinados a descuido  
Em voluptuosos coxins?

Em quanto outros, chorando,  
Entregues ao padecer  
Desta vida de tormentos  
O fim só desejão ver?

E' porque sorte mesquinha  
Eu deveria seguir,

E' porque em vida de prantos  
Tambem devia carpir.

E' porque tinha, oh! desgraça!  
De ser poeta e chorar;  
Buscar vida e mocidade  
Para co' a morte esbarrar.

Triste destino o do bardo,  
Sem ar, sem luz, sem praz'er,  
Sem flores de primavera,  
Sem cantos, sempre a soffrer.

Sempre a soffrer e sosinho  
Chorar triste o coração,  
Sem allivio nas torturas,  
Sem amor ni solidão.

Vem cantar ao som da lyra  
Que vibra o pobre cantor,  
Uma canção de alegria,  
Um hymno santo de amor.

*Mavorcio.*

### LOGOGRIFFO.

Se unires segunda e quinta  
Terrivel molestia tens;  
Se unires quarta e segunda  
S' tá sempre exposto aos vai-vens.  
Do temporal desabrido  
Que rebrama enfurecido  
Por sobre as ondas do mar.  
A prima com quarta unida  
Uma fructa appetecida  
Nos pomares hasde achar.

Segunda, tereñ e primeira . . . .  
Dellas que posso eu dizer? . . .  
De barro, caros leitôres,  
E de vidro podem ser —

O logogripho . . . . eil-o feito  
Mas falta-lhe inda o conceit'o,  
Que agora passo a lhe-dar:  
O t'ôdo . . . . tem um gostinho . . .  
Mas, leitor, sig' o caminho,  
Que me pôde alem achar.

Typ. da «Regeneração» Largo de Palacio n. 24.